

# Falta de lixo deixa usina às moscas

Antonio Cunha

**William França**

A Usina de Beneficiamento de Lixo, localizada em Ceilândia Sul, vem sendo subutilizada, há pelo menos um mês, por falta de matéria-prima. O Serviço de Limpeza Urbana (SLU), responsável pela usina, não está fazendo o transporte do lixo dos diversos pontos de coleta do Distrito Federal para Ceilândia, por falta de caminhões.

Com isso, além de a usina só estar trabalhando com a metade de sua capacidade — que pode chegar a 800 toneladas/dia —, aumentaram os riscos de contaminação na área do aterro sanitário, que está recebendo até 550 toneladas de lixo/dia, quando o aceitável seria apenas de 100 toneladas/dia. “É um risco que a cidade está correndo”, diz Cláudio Rachid, gerente de Destino de Resíduos Sólidos do SLU.

Somente o lixo coletado em Ceilândia e Taguatinga — e parte de Samambaia — está abastecendo a usina, que é a maior da América Latina. Com o subaproveitamento dos equipamentos, deixam de ser produzidos, também, o adubo orgânico e os materiais recicláveis, como plástico, papel, metais e sucata.

## Adubo

A redução da produção de adubo orgânico prejudica os pequenos produtores rurais, que não dispõem de recursos para adquirir a quantidade necessária de adubo químico — hoje com preços bastante elevados. Mas o prejuízo não é só da produtividade. O solo também sofre, já que o adubo orgânico o protege. Sem o adubo da usina, os pequenos produtores diminuem os lucros para adquirir o adubo químico.

“Se a Usina de Ceilândia estivesse em pleno funcionamento, inclusive com três turnos de trabalho, processaríamos 80% do lixo diário do Distrito Federal, que hoje é de 950 toneladas”, diz Cláudio

Rachid, que vê nessa subutilização, prejuízos sociais (diminui a produtividade de fornecimento de adubo), ecológicos (maiores gastos de recursos naturais, pela não-utilização de reciclados) e sanitários (aumento da possibilidade de focos de doenças, principalmente no aterro sanitário).

## Quebrados

Dos oito conjuntos de caminhão e prancha transportadora de lixo, com capacidade de remover até 30 toneladas de cada vez — ou o relativo à coleta de seis caminhões compactadores — o SLU só dispunha de dois funcionando, na semana passada. Outros dois desses conjuntos estão passando por reformas na fábrica, localizada no Rio de Janeiro (que prometeu entregar um conjunto até o dia 18) e os outros quatro aguardam manutenção na oficina do SLU. Faltam, principalmente, peças para reposição de mecanismos. “É muito grande a morosidade para chegarem essas peças — o custo por dia, de uma carreta parada, é de Cr\$ 30 mil, sendo que a peça não custa nem Cr\$ 500”, reclamou Adalberto Roure, gerente de Transportes do SLU.

Para poupar o equipamento existente, sem forçá-lo em excesso para evitar quebras, e para não deixar que se acumule lixo nas chamadas estações de transbordo (espécie de depósito temporário de lixo), localizadas em Sobradinho e na Asa Norte, os dois conjuntos de remoção de detritos estão se limitando a despejar o lixo no aterro sanitário, próximo ao Guará, em vez de se deslocarem até Ceilândia. “Como são poucos caminhões, há uma perda de tempo se ele se deslocar até a usina, e o lixo não consegue ser todo retirado do transbordo”, justifica Eliana Nicolini, superintendente do SLU, que garante que não continuará utilizando esse esquema quando as demais carretas chegarem.



Grande parte da frota do SLU está parada, com problemas mecânicos, o que atrasa a coleta

## SLU enfrenta várias deficiências

A falta de carretas para transportar o lixo até a Usina de Beneficiamento de Ceilândia é apenas uma das várias dificuldades que o Serviço de Limpeza Urbana (SLU) enfrenta atualmente. A carência de pessoal e de equipamentos, a falta de verbas próprias e o aumento da população no DF contribuem para que haja falhas no sistema de coleta, varredura e processamento do lixo. “O maior problema do SLU é que ele não tem autonomia nem personalidade”, diz Eliana Nicolini, 30 anos, há quatro meses na superintendência do órgão.

“Somos eficientes, mas seríamos auto-suficientes e com melhores resultados se administrássemos nossas próprias verbas”, diz Eliana. Ela compara as companhias, como a CEB e a Caesb, com o modelo administrativo que gostaria de implantar no SLU. “Nenhuma

receita vinda com o trabalho com o lixo — com a Taxa de Limpeza Pública e a venda de adubo orgânico e de materiais recicláveis — fica conosco”, explica Eliana, garantindo que desconhece a arrecadação do órgão, que é feita pela Secretaria de Fazenda.

## Opção

De acordo com Eliana, a eficiência do SLU hoje depende de opção governamental. “Quando o governador opta por deixar a cidade limpa, e nos dá recursos e condições para isso, a cidade fica dentro do pedido”, disse a superintendente do SLU. Mas, segundo ela, mesmo com toda a atenção dispensada pelo ex-governador Joaquim Roriz, o SLU ainda tem necessidade de equipamento e de pessoal. “Com os novos assentamentos e com o esquema de coleta diária de lixo no

Plano Piloto, precisamos de pelo menos mais 20 caminhões-coletores, com o dobro da capacidade de carga do atual”, exemplifica.

Hoje, a frota do SLU é composta de 105 caminhões coletores, sendo que 36 estavam parados na semana passada por problemas na manutenção, informa Adalberto Roure, responsável pela oficina do SLU. “E o pior, é que eles não têm peças”, completa Adalberto.

A superintendente do SLU nega que os funcionários fiquem impunes. “Há inúmeros processos em apuração na nossa comissão de sindicância. Quanto à má utilização do equipamento, não acredito nisso: senão, estaríamos com a frota acabada”, diz Eliana. Quanto ao problema de mecânicos, Eliana já conta com uma saída: há 13 mecânicos já concursados, esperando para serem contratados. (W.F.)